

80 aforismos de **NÍCOLAS GÓMEZ DÁVILA**

Tradução de **Wanderson Lima**

O ironista desconfia do que diz sem crer que o contrário seja certo.

-

Temos necessidade de que nos contradigam para afinarmos nossas idéias.

-

A literatura toda é contemporânea para o leitor que sabe ler.

-

A prolixidade não é excesso de palavras, mas sim escassez de idéias.

-

O homem mais desesperado é somente o que melhor esconde sua esperança.

-

Dos seres que amamos sua existência nos basta.

-

Quem critica ao burguês recebe duplo aplauso: o do marxista, que nos julga inteligentes porque corroboramos seus prejuízos; o do burguês, que nos julga acertados porque pensa em seu vizinho.

-

Vencer a um idiota nos humilha.

-

Como pode viver quem não espera milagres?

-

Pensar que só importam as coisas importantes é sintoma de barbárie.

-

Vivemos porque não nos vemos com os olhos que os demais nos vêem.

-

Entre a anarquia dos instintos e a tirania da ordem, estende-se o fugitivo e puro território da perfeição humana.

-

O tom professoral não é próprio do que sabe, senão do que tem dúvidas.

-

Ninguém pensa seriamente enquanto a originalidade lhe importa.

-

A “psicologia” é, propriamente, o estudo do comportamento burguês.

-

Amor é o ato que transforma a seu objeto de coisa em pessoa.

-

O homem vive a si mesmo como angústia ou como criatura.

-

O que distancia de Deus não é a sensualidade, mas a abstração.

-

O estado moderno fabrica as opiniões que recolhe depois respeitosamente com o nome de opinião pública.

-

Amar é compreender a razão que teve Deus para criar ao que amamos.

-

Amar é rondar sem descanso em torno da impenetrabilidade de um ser.

-

A verdade está na história, mas a história não é a verdade.

-

A Bíblia não é a voz de Deus, senão a do homem que o encontra.

-

Educar a alma consiste em ensinar-lhe a transformar em admiração sua inveja.

-

Crer é penetrar nas entranhas do que meramente sabíamos.

-

O pior vício da crítica de arte é o abuso metafórico do vocabulário filosófico.

-

A hipocrisia não é a ferramenta do hipócrita, senão sua prisão.

-

Só o imbecil não se sente nunca co-partidário de seus inimigos.

-

A imparcialidade é filha da preguiça e do medo.

-

O amor à pobreza é cristão, mas a adulação ao pobre é mera técnica de recrutamento eleitoral.

-

A estatística é a ferramenta daquele que renuncia a compreender para poder manipular.

-

A grandiloqüência das teorias estéticas cresce com a mediocridade das obras, como a dos oradores com a decadência de sua pátria.

-

A inteligência não consiste no manejo de idéias inteligentes, mas no manejo inteligente de qualquer idéia.

-

Toda reta leva direto a um inferno.

-

As “soluções” são as ideologias da estupidez.

-

A crença na solubilidade fundamental dos problemas é característica própria ao mundo moderno. Que todo antagonismo de princípios é simples equívoco, que haverá aspirina para toda cefaléia.

-

A ética deve ser a estética da conduta.

-

Se o burguês de ontem comprava quadros porque seu tema era sentimental ou pitoresco, o burguês de hoje não os compra quando têm tema pitoresco ou sentimental. O tema segue vendendo o quadro.

-

Todo o que faça sentir ao homem que o mistério o envolve torna-o mais inteligente.

-

Ensinar exime da obrigação de aprender.

-

O otimismo inteligente nunca é fé no progresso, mas esperança no milagre.

-

O homem inteligente costuma fracassar, porque não se atreve a crer no verdadeiro tamanho da estupidez humana.

-

A superficialidade consiste, basicamente, no ódio às contradições da vida.

-

O impacto de um texto é proporcional à astúcia de suas reticências.

-

Não há verdade que não seja lícito estrangular se há de ferir a quem amamos.

-

O sacrifício da profundidade é o preço que exige a eficácia.

-

Já não existem anciões senão jovens decrépitos.

-

A inveja não é vício de pobre, mas de rico. Do menos rico ante o mais rico.

-

O cinismo não é indício de agudeza mas de impotência.

-

As duas asas da inteligência são a erudição e o amor.

-

A imaginação não é o lugar onde a realidade se falsifica, mas onde se cumpre.

-

A vulgaridade não é um produto popular senão um subproduto da prosperidade burguesa.

-

O que significa a beleza de um poema não tem relação alguma com o que o poema significa.

-

A pessoa que não seja algo absurda resulta insuportável.

-

“Encontrar-se”, para o moderno, quer dizer dissolver-se em uma coletividade qualquer.

-

Os problemas metafísicos não acoçam ao homem para que os resolva mas para que os viva.

-

A feiúra do rosto moderno é um fenômeno ético.

-

Chamam-se progressos os preparativos das catástrofes.

-

A sensibilidade não projeta uma imagem sobre o objeto, mas uma luz.

-

A função didática do historiador está em ensinar a toda época que o mundo não começou com ela.

-

Aprender a morrer é aprender a deixar morrer os motivos de esperar sem deixar morrer a esperança.

-

A poesia resgata as coisas ao reconciliar na metáfora a matéria com o espírito.

-

Uma resenha de literatura contemporânea nunca permite saber se o crítico crer viver no meio de gênios ou se prefere não ter inimigos.

-

O anonimato da sociedade moderna obriga a todo o mundo a pretender-se importante.

-

Ao divorciar-se religião e estética não se sabe qual se corrompe mais depressa.

-

Os museus são o castigo do turista.

-

Problema que não seja econômico não parece digno, em nosso tempo, de ocupar um cidadão sério.

-

O moderno não tem vida interior: apenas conflitos internos.

-

A lei é o método mais fácil de exercer a tirania.

-

Só o inesperado satisfaz plenamente.

-

A vida é um combate cotidiano contra a estupidez própria.

-

O individualismo é o berço da vulgaridade.

-

A estupidez se apropria com facilidade do que a ciência inventa.

-

Ao repudiar os ritos, o homem se reduz a animal que copula e come.

-

As pessoas sem imaginação nos congelam a alma.

-

Só a religião pode ser popular sem ser vulgar.

-

A fé não é uma convicção que possuímos, mas uma convicção que nos possui.

-

Os ritos preservam a fé, os sermões minam a fé.

-

O calor humano em uma sociedade diminui à medida que sua legislação se aperfeiçoa.

-

A moda, mais ainda que a técnica, é causa da uniformidade do mundo moderno.

[In: DÁVILA, Nicolás Gómez. **Escolios a un texto implícito (selección)**. Bogotá - Colômbia: Villegas editores, 2002]

Nicolás Gómez Dávila nasceu em Bogotá, Colômbia, em 1913 e morreu naquela mesma cidade em 1994. Educou-se em Paris e, voltando a seu país natal, passou a maior parte da vida entre seu ciclo de amigos e sua biblioteca, composta de mais 30.000 volumes nos idiomas originais. Sua obra concisa – composta, basicamente, de três livros de aforismos (que ele preferia denominar “escólio”) e um livro de prosa corrente – foi notoriamente concebida com lentidão e rigor, numa prosa clara e de riqueza estilística incomum. Enquadrava-se a si mesmo na linhagem de Pascal e Nietzsche, sendo que com este último a parecença era acima de tudo estilística. De acordo com Franco Volpi, um de seus melhores intérpretes, a obra de Gómez Dávila, “por seu pessimismo exasperante, a intransigência de seus juízos, e a escandalosa arrogância de seus dogmas recorda a Cioran ou a Carasco, mas não se nutre de amargura ou niilismo, senão de fé e férreas certezas. Tem em comum com pensadores como De Maistre ou Donoso Cortés, a indestrutível convicção nas verdades tradicionais, mas não tem a periodicidade vasta e lenta da prosa do Oitocentos, ao contrário está cheia de ânimo, de desencanto, de espírito rebelde e de lucidez” (In: *Um ángel cautivo caído en lo tiempo*).

Wanderson Lima é escritor e professor de literatura da Universidade Estadual do Piauí (Uespi). Escreve sobre literatura e cinema no blog [O fazedor](#).

